

**cR**

Centro  
de Referência  
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo  
do Centro de Referência Paulo Freire**

**[acervo.paulofreire.org](http://acervo.paulofreire.org)**



InstitutoPauloFreire

# Moacir Gadotti (Organizador)

*com a colaboração de*

Ana Maria Araújo Freire, Ângela Antunes Ciseski, Carlos Alberto  
Torres, Francisco Gutiérrez, Heinz-Peter Gerhardt,  
José Eustáquio Romão, Paulo Roberto Padilha

## PAULO FREIRE

Uma biobibliografia

**PAULO FREIRE**  
Uma biobibliografia

PAULO FREIRE: Uma biobibliografia  
Moacir Gadotti (Org.)

*Capa:* DAC

*Revisão:* Maria de Lourdes de Almeida, Solange Martins

*Arte final:* Agnaldo J. Soares

*Composição:* Dany Editora Ltda.

*Fotos de capa:* Júlio Wainer

*Digitação:* Valdete Argentino Melo

ISBN: 85-249-0610-3

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa dos autores e dos editores.

© 1996 by Autores

Direitos para esta edição

CORTEZ EDITORA

Rua Bartira, 387

Tel.: (011) 864-0111

05009-000 — São Paulo — SP

INSTITUTO PAULO FREIRE

Rua Cerro Corá, 550 — 2º andar — Cj. 22

Telefax: (011) 873-0462

05061-100 — São Paulo — SP

Impresso no Brasil — abril de 1996

## ÍNDICE GERAL

Agradecimentos . . . . .	5
Índice dos boxes . . . . .	13
Primeiras palavras, Federico Mayor . . . . .	17
Apresentação, Moacir Gadotti . . . . .	19

### Primeira Parte

#### PRÓLOGO BIOGRÁFICO A QUATRO VOZES

1. A voz da esposa: <i>A trajetória de Paulo Freire</i>	
Ana Maria Araújo Freire . . . . .	27
1. Infância, adolescência e primeiras experiências profissionais . . . . .	28
2. O “Método Paulo Freire” . . . . .	37
3. O educador popular, exílio e retorno . . . . .	40
4. Repercussão da obra de Paulo Freire . . . . .	48
5. O escritor Paulo Freire . . . . .	58
6. O ser humano Paulo Freire . . . . .	64
2. A voz do biógrafo brasileiro: <i>A prática à altura do sonho</i>	
Moacir Gadotti . . . . .	69
1. O pensamento de Paulo Freire como produto existencial . . . . .	70
2. Pedagogia dialógica e educação libertadora . . . . .	83
3. Paulo Freire no contexto do pensamento pedagógico contemporâneo . . . . .	88
4. A experiência de Paulo Freire na Prefeitura de São Paulo . . . . .	94
5. Reflexões mais recentes . . . . .	104
6. Que futuro pode ter o pensamento de Paulo Freire? . . . . .	110
3. A voz do biógrafo latino-americano: <i>Uma biografia intelectual</i>	
Carlos Alberto Torres . . . . .	117
1. Origem latino-americana . . . . .	117
2. Fenomenologia dialética . . . . .	125
3. A influência africana . . . . .	129
4. Reaprendendo o Brasil . . . . .	141
5. Concluindo com a “pedagogia da pergunta” . . . . .	145

4. Uma voz europeia: <i>Arqueologia de um pensamento</i>	
Heinz-Peter Gerhardt . . . . .	149
1. Primeiras influências recebidas . . . . .	149
2. A recusa do academicismo . . . . .	153
3. No princípio era o método . . . . .	156
4. Evolução de suas teses epistemológicas . . . . .	159
5. Um pensamento praxiológico . . . . .	166

## Segunda Parte

### A VIDA DE PAULO FREIRE SOB O OLHAR DE

Alberto Damasceno • Alípio Casalli • Almino Affonso • Ana Maria Saul • Ângela Antunes Ciseski • Antonio Faundez • Antonio João Mânfió • Azril Bacal • Carlos Alberto Emediato • Carlos Alberto Torres • Célia Barbosa • Celso de Rui Beisiegel • Claudius Ceccon • Dagmar M. L. Zibas • Denis Fortin • Donaldo Macedo • Ettore Gelpi • Eunice Ribeiro Durham • Francisco Gutiérrez • Guillermo Willianson C. • Isabel Hernández • Ivani Catarina Arantes Fazenda • Jair Militão da Silva • José Eustáquio Romão • Lúcia Maria de Franca Rocha • Maria Ângela Teixeira • Maria de Souza Duarte • Maria Stella Santos Graciani • Mere Abramowicz • Miguel Darcy de Oliveira • Moacir Gadotti • Núbia Gripp Vianna • Paulo de Tarso Santos • Pierre Furter • Ricardo Ferreira da Silva • Tânia Maria Cardoso de Oliveira

1. <i>A experiência de Brasília</i>	
Célia Barbosa e outros . . . . .	173
2. <i>O Sr. sabe o que está falando?</i>	
Paulo de Tarso Santos . . . . .	176
3. <i>Desafios nos trópicos</i>	
Pierre Furter . . . . .	180
4. <i>O Método Paulo Freire</i>	
Celso de Rui Beisiegel . . . . .	182
5. <i>Paulo Freire: 1964-1969 – Sua passagem pelo Chile e o Chile pelo qual passou</i>	
Guillermo Willianson C. . . . .	184
6. <i>Caminhante da obriedade</i>	
Francisco Gutiérrez . . . . .	187
7. <i>Paulo Freire e o Conselho Mundial das Igrejas</i>	
Antonio Faundez . . . . .	190
8. <i>Boas-vindas ao Brasil</i>	
Almino Affonso . . . . .	191
9. <i>Paulo Freire em Santa Catarina</i>	
Antonio João Mânfió . . . . .	194
10. <i>Um telefonema</i>	
Tânia Maria Cardoso de Oliveira . . . . .	198
11. <i>Uma mente penetrante e inquieta</i>	
Donaldo Macedo . . . . .	200
12. <i>Amor e perda em tempos de vida – Em dois momentos entrelaçados</i>	
Mere Abramowicz . . . . .	201

13. <i>Tango e Paulo Freire – Carta a Moacir Gadotti</i>	
Carlos Alberto Torres . . . . .	204
14. <i>Ser secretária de Paulo Freire</i>	
Dagmar M. L. Zibas . . . . .	208
15. <i>Concursos públicos e pluralismo democrático</i>	
Eunice Ribeiro Durham . . . . .	210
16. <i>Dez anos de conversas</i>	
Claudius Ceccon . . . . .	212
17. <i>O passo seguinte do nosso desafio</i>	
Miguel Darcy de Oliveira . . . . .	215
18. <i>Meus encontros com Paulo Freire</i>	
Alípio Casalli . . . . .	217
19. <i>Educador de um novo século</i>	
Ivani Catarina Arantes Fazenda . . . . .	220
20. <i>O homem e o mito – Um encontro em três momentos</i>	
Jair Militão da Silva . . . . .	222
21. <i>Paulo Freire no Uruguai</i>	
C.I.D.C. . . . .	224
22. <i>Convivendo com Paulo Freire – Uma experiência inusitada</i>	
Ana Maria Saul . . . . .	226
23. <i>Momentos que não dá para esquecer</i>	
Maria Stella Santos Graciani . . . . .	229
24. <i>Paulo Freire, a Amazônia e o boto</i>	
Alberto Damasceno . . . . .	231
25. <i>Permeando muitos projetos</i>	
Azril Bacal . . . . .	232
26. <i>Sobre a gestão Paulo Freire – Uma carta</i>	
Ângela Antunes Ciseski . . . . .	235
27. <i>Um homem dotado de uma grande humanidade</i>	
Ettore Gelpi . . . . .	237
28. <i>Paulo Freire, mestre e amigo</i>	
Denis Fortin . . . . .	239
29. <i>Uma geração que graças a você aprendeu a sonhar</i>	
Isabel Hernández . . . . .	242
30. <i>Um mestre da simplicidade</i>	
Carlos Alberto Emediato . . . . .	244
31. <i>Eterna demanda do reencontro</i>	
José Eustáquio Romão . . . . .	246
32. <i>Em prol do Nobel da Paz – Carta de lançamento da campanha</i>	
Moacir Gadotti, Carlos Alberto Torres e Francisco Gutiérrez . . . . .	249

**Terceira Parte**  
**ESCRITOS DE PAULO FREIRE**

1. Livros . . . . .	257
2. Artigos, conferências e palestras . . . . .	283
3. Entrevistas . . . . .	311
4. Prefácios e apresentações . . . . .	321

**Quarta Parte**  
**ESCRITOS SOBRE PAULO FREIRE**

1. Livros, dissertações e teses . . . . .	327
2. Artigos e resenhas . . . . .	371
3. Textos que comentam sua obra . . . . .	435
4. Outros textos e materiais . . . . .	523

**Quinta Parte**  
**A OBRA DE PAULO FREIRE SOB O OLHAR DE**

Adilson Florentino da Silva • Adriano Nogueira • Alfredo Moffat • Ana Mae Barbosa • Bartolomeo Bellanova • Benedito Eliseu Leite Cintra • Carlos Alberto Torres • Carlos Crespo Burgos • Cecília Montag Hirschzon • Cristovam Buarque • Dalmo de Abreu Dallari • Denis Collins • Eliseu Muniz dos Santos • Ermínio G. Neglia • Fausto Telleri • Henry A. Giroux • Herbert Kohl • Ira Shor • Jacinto Ordóñez Peñalongo • Jaume Trilla i Bernet • João Pedro da Fonseca • João Raimundo Alves dos Santos • João Viegas Fernandes • John L. Elias • Jorge Werthein • José Carlos Barreto • José Eustáquio Romão • José Maria Coutinho • Jürgen Zimmer • Kyu Hwan Lee • Ladislau Dowbor • Lígia Martha Coimbra da Costa Coelho • Luiz Carlos de Menezes • Marcia Moraes • Marcos Edgar Bassi • Marcos Reigota • Maureen O'Hara • Melany Copit • Moacir Gadotti • Moema L. Viezzer • Nel Verbee • Paulo Roberto Padilha • Paulo Rosas • Peter MacLaren • Pierre Dominice • Reinaldo Matias Fleuri • Rosa Maria Torres • Rosely A. R. Assumpção • Rosiska Darcy de Oliveira • Seth Chaiklin • Sônia Alem Marrach

1. <i>Germinação do pensamento de Paulo Freire</i> Paulo Rosas . . . . .	559
2. <i>O tempo em que a obra de Freire nasceu</i> Sônia Alem Marrach . . . . .	563
3. <i>Um livro perturbador a respeito da educação</i> Ira Shor . . . . .	565
4. <i>Pedagogia do oprimido – Revolução pedagógica da segunda metade do século</i> Carlos Alberto Torres . . . . .	567
5. <i>Um livro para os que cruzam fronteiras</i> Henry A. Giroux . . . . .	569
6. <i>Pedagogia da libertação</i> Dalmo de Abreu Dallari . . . . .	570
7. <i>O corte epistemológico de Paulo Freire</i> Jacinto Ordóñez Peñalongo . . . . .	573
8. <i>Educação e mudança</i> Jorge Werthein . . . . .	576
9. <i>Entre o grego e o semita</i> Benedito Eliseu Leite Cintra . . . . .	577
10. <i>Illich e Freire – A opressão da pedagogia e a pedagogia dos oprimidos</i> Rosiska Darcy de Oliveira e Pierre Dominice . . . . .	580
11. <i>Educação contra a loucura</i> Alfredo Moffat . . . . .	583

12. <i>Paulo Freire e a formação da educadora</i> Marcia Moraes . . . . .	584
13. <i>Paulo Freire e o Primeiro Mundo</i> Peter MacLaren . . . . .	587
14. <i>O otimismo de Paulo Freire</i> Denis Collins . . . . .	589
15. <i>O significado da libertação na prática</i> Fausto Telleri . . . . .	591
16. <i>Paulo Freire e Carl Rogers</i> Maureen O'Hara . . . . .	593
17. <i>Paulo Freire e as relações sociais de gênero</i> Moema L. Viezzer . . . . .	596
18. <i>Educar para desenvolver e conscientizar</i> João Viegas Fernandes . . . . .	599
19. <i>Diálogo e práxis</i> Reinaldo Matias Fleuri . . . . .	601
20. <i>Educação-utopia em Paulo Freire – O verdadeiro realismo do devir humano</i> Bartolomeo Bellanova . . . . .	603
21. <i>Paulo Freire e Rudolf Steiner</i> Rosely A. R. Assumpção . . . . .	606
22. <i>Paulo Freire e a educação religiosa</i> John L. Elias . . . . .	608
23. <i>Cartas a Cristina</i> Marcos Reigota . . . . .	610
24. <i>Por que as reformas não reformam?</i> Herbert Kohl . . . . .	611
25. <i>Paulo Freire e a educação multicultural</i> José Maria Coutinho . . . . .	613
26. <i>Paulo Freire e a escola de horário integral</i> Adilson Florentino da Silva e Lígia Martha Coimbra da Costa Coelho . . . . .	614
27. <i>Paulo Freire e sua aplicação ao teatro</i> Ermínio G. Neglia . . . . .	617
28. <i>Paulo Freire e as teorias da comunicação</i> Carlos Crespo Burgos . . . . .	620
29. <i>Paulo Freire e a educação municipal</i> José Eustáquio Romão . . . . .	622
30. <i>Paulo Freire e a merenda escolar</i> João Pedro da Fonseca . . . . .	626
31. <i>Psicanálise e Paulo Freire</i> Cecília Montag Hirschzon e Melany Copit . . . . .	629
32. <i>Paulo Freire nas minhas aulas</i> Seth Chaiklin . . . . .	631
33. <i>Paulo Freire e a cooperação para o desenvolvimento</i> Nel Verbee . . . . .	633
34. <i>Volta ao ser humano completo</i> Ladislau Dowbor . . . . .	635
35. <i>Paulo Freire e a arte-educação</i> Ana Mae Barbosa . . . . .	637

36. <i>Paulo Freire e os físicos</i>	
Luiz Carlos de Menezes . . . . .	639
37. <i>Paulo Freire e a pedagogia crítica</i>	
Kyu Hawan Lee . . . . .	642
38. <i>Repercussões da obra de Freire</i>	
Jaume Trilla i Bernet . . . . .	645
39. <i>Simplificações da obra de Paulo Freire</i>	
José Carlos Barreto . . . . .	647
40. <i>O diálogo: um itinerário comum</i>	
Marcos Edgar Bassi, Eliseu Muniz dos Santos e	
João Raimundo Alves dos Santos . . . . .	649
41. <i>Pensamento de Paulo Freire – uma inspiração para o trabalho pedagógico</i>	
Adriano Nogueira e outros . . . . .	651
42. <i>Por que uma releitura de Freire?</i>	
Rosa Maria Torres . . . . .	654
43. <i>O povo como personagem</i>	
Cristovam Buarque . . . . .	656
44. <i>Das crianças para lá das sete montanhas e mares</i>	
Jürgen Zimmer . . . . .	658
45. <i>Organizando a bibliografia de Paulo Freire</i>	
Paulo Roberto Padilha . . . . .	660
46. <i>A esperança como imperativo existencial e histórico</i>	
Moacir Gadotti . . . . .	661

### **Sexta Parte**

### **O LEGADO DE PAULO FREIRE**

1. Onde encontrar material de e sobre Paulo Freire . . . . .	667
2. Editoras que publicaram obras de e sobre Paulo Freire . . . . .	693
3. O Instituto Paulo Freire . . . . .	699
4. Glossário . . . . .	709
5. Índice onomástico . . . . .	735

## ÍNDICE DOS BOXES

1. O livro do bebê . . . . .	29
2. Minha primeira professora (Paulo Freire) . . . . .	31
3. Paulo Freire no Colégio Oswaldo Cruz (Vicente Madeira e Paulo Freire). . . . .	32
4. Carta a Clodomir Moraes – Lembrando os ensinamentos da prisão (Paulo Freire) . . . . .	41
5. Que país é este? (Henfil) . . . . .	43
6. Medalha Comenius para Paulo Freire (Hans Füchtner) . . . . .	51
7. Educar para a paz (Paulo Freire) . . . . .	52
8. Rumo a Barcelona (Jorge Cláudio Ribeiro) . . . . .	54
9. Carta de Indira Gandhi . . . . .	57
10. Indicação ao Prêmio Nobel da Paz (Moção da SBPC) . . . . .	62
11. Carta do filósofo Albert Memmi . . . . .	63
12. Testando a personalidade (Moacir Gadotti) . . . . .	65
13. A volta a Angicos, 30 anos depois (Eliane Sonderman) . . . . .	71
14. Myles Horton e Paulo Freire (Gary J. Conti) . . . . .	75
15. Método Paulo Freire (Lauro de Oliveira Lima) . . . . .	79
16. Dialética e diálogo (Wolfdietrich Schmied-Kowarzik) . . . . .	86
17. Projeto sim, sistema não – Modo de pensar dialético de Freire (Balduino Antônio Andreola) . . . . .	87
18. Carta do educador polonês Bogdan Suchodolski . . . . .	89
19. Lembrava um rogeriano (Paulo Rosas) . . . . .	90
20. Aos que fazem a educação conosco em São Paulo (Paulo Freire) . . . . .	95
21. Círculos de pais e professores (Paulo Freire) . . . . .	96
22. À Luiza Erundina – Defendendo o salário dos professores (Paulo Freire) . . . . .	98
23. Recado de Paulo Freire ao MOVA-SP . . . . .	99
24. Manifesto à maneira de quem, saindo, fica (Paulo Freire) . . . . .	103
25. Reescrevendo os textos em linguagem não sexista (Paul V. Taylor) . . . . .	108
26. Crítica e autocrítica (Rosa Maria Torres) . . . . .	113
27. Carta do presidente do Equador Oswaldo Hurtado . . . . .	124
28. Diálogo Sul-Sul (Claire-Marie Jeannotat) . . . . .	129

29. Entre as tribos nômades do deserto (Leonel Narvaez Gomez) . . . . .	132
30. Carta de Mário Cabral . . . . .	136
31. Guiné-Bissau: duas décadas depois (Rosa Maria Torres) . . . . .	138
32. Amílcar Cabral e Che Guevara (Paulo Freire) . . . . .	141
33. Uma conquista do trabalho coletivo (Paulo Freire) . . . . .	143
34. Elza Maria Costa de Oliveira (Arturo Ornelas) . . . . .	150
35. Movimento de Cultura Popular – Consolidação do Método Paulo Freire (Paulo Rosas) . . . . .	158
36. A experiência pedagógica do exílio (Frei Betto e Paulo Freire) . . . . .	162
37. Fala clandestina (Paulo Freire) . . . . .	165
38. Canção óbvia (Paulo Freire) . . . . .	189
39. Voltando ao passado (Anita Pires) . . . . .	197
40. A pessoa Paulo Freire (Ione Cirilo) . . . . .	204
41. Inclusão de Freire em bibliografia (Yvone Gonçalves Khouri) . . . . .	212
42. Última carta de sua mãe . . . . .	218
43. Orgulho de ter um latino-americano como Freire (Victor Corral) . . . . .	244
44. Ao Comitê Nobel Norueguês . . . . .	251
45. O poder da palavra (Pierre Furter) . . . . .	259
46. Minha principal obra de referência (Frei Betto) . . . . .	265
47. Fecundou toda uma geração de jovens (Rosa Maria Torres) . . . . .	266
48. Traços mais significativos (Antonio Joaquim Severino) . . . . .	271
49. Educação na cidade (Marcos Reigota) . . . . .	273
50. Grandes temáticas da América Latina (Antonio Chizzotti) . . . . .	274
51. Professora sim, tia não (Rosa Maria Torres) . . . . .	275
52. Articulando poesia e ciência (Adriano Nogueira) . . . . .	276
53. Somos o que somos (Marta Suplicy) . . . . .	276
54. Freire e Betto nessa escola chamada vida (Maria Tereza Pagliaro) . . . . .	277
55. Freire, herdeiro de William James (Ann E. Berthoff) . . . . .	279
56. Ousadia do cotidiano (Sérgio Haddad) . . . . .	279
57. “Educação Paulo Freire” (Clodovis Boff) . . . . .	281
58. Uma descoberta transcendental (Adriana Puiggrós) . . . . .	284
59. Amílcar Cabral e a dialética paciência-impaciência (Paulo Freire) . . . . .	298
60. Paulo Freire em Estocolmo (Silvio Grande Rosa) . . . . .	303
61. O sonho das escolas comunitárias (Paulo Freire) . . . . .	306
62. A classe na análise social da realidade (Donaldo Macedo e Paulo Freire) . . . . .	307
63. Respeito ao saber do senso comum (Neidson Rodrigues e Paulo Freire) . . . . .	323
64. Equilíbrio entre utopia e adesão ao concreto (Enzo Morgagni) . . . . .	334
65. Trabalhos de Freire: desafios, não receitas (Miguel Escobar Guerrero) . . . . .	337
66. Uma pedagogia a partir da realidade (Miguel Escobar Guerrero) . . . . .	338
67. Tudo sobre o homem e o educador (Maria José Vale Ferreira) . . . . .	341
68. Confronto Paulo Freire-MOBRAI (Gilberta Martino Jannuzzi) . . . . .	346
69. Idéias de Paulo Freire sobre comunicação (Venício Artur de Lima) . . . . .	349
70. A quem interessava o Sistema Paulo Freire (Sílvia Maria Manfredi) . . . . .	350
71. Paulo Freire e a identidade latino-americana (Antonio Monclús) . . . . .	354
72. Freire e o pensamento existencialista (Martha Bardado) . . . . .	366
73. O projeto da Pedagogia da Esperança (Paulo Freire) . . . . .	370

74. Ser para os outros e ser para si mesmo (Alma Flor Ada) . . . . .	371
75. Morri de inveja (Darcy Ribeiro) . . . . .	373
76. Freire diante do fracasso do estatismo (José Carlos Barreto) . . . . .	375
77. Complexidade multidisciplinar da obra de Freire (Hélène Barros) . . . . .	376
78. Paulo Freire e Leonardo Boff (Carlos Rodrigues Brandão) . . . . .	379
79. O homem inserido no mundo (Antonio Callado) . . . . .	381
80. Os oprimidos como mestres (Andrea Canavaro) . . . . .	382
81. O sistema Paulo Freire de Alfabetização (Aurenice Cardoso) . . . . .	383
82. O intelectual e as massas populares (Paulo Freire) . . . . .	387
83. Categorias do pensamento de Paulo Freire (Hilda Varela Barraza e Miguel Escobar Guerrero) . . . . .	390
84. O discurso de Paulo Freire (Solange Figueroa M.) . . . . .	391
85. Aprender em condições adversas (Martha San Juan França) . . . . .	393
86. Modernidade e pós-modernidade (Paulo Freire) . . . . .	395
87. Um repensar de suas idéias (Sérgio Haddad) . . . . .	400
88. Conceito de espaço livre (Betty Oliveira e Paulo Freire) . . . . .	404
89. Sem vergonha de ser professor (William B. Kennedy e Paulo Freire) . . . . .	405
90. Paulo Freire e a USAID (Jerome Levinson e Juan de Onís) . . . . .	408
91. A vigência da palavra “oprimido” (Ana Quiroga) . . . . .	420
92. Aclarando suas idéias a cada novo livro (Viviam Wyler) . . . . .	433
93. Corajosa retomada da realidade (Evaldo Amaro Vieira) . . . . .	434
94. Pedagogia do oprimido reescrita (Maria Adozinda) . . . . .	435
95. O que é conscientização? (Peter Park e Paulo Freire) . . . . .	441
96. Ler para viver o mundo (Márcio d’Olne Campos) . . . . .	444
97. Bases da pesquisa participante (Eliete Santiago) . . . . .	445
98. Ler palavras, ler o mundo (Paulo Freire) . . . . .	453
99. Tradição do pensamento utópico (Daniel Jover Torregros) . . . . .	465
100. Teoria dialógica da comunicação (Venício A. de Lima) . . . . .	471
101. Carta aberta aos educadores e educadoras (Paulo Freire) . . . . .	481
102. Falas que dão a pensar (Carlos Lyra) . . . . .	482
103. Educação comunitária e economia popular (Paulo Freire) . . . . .	485
104. A Thiago de Mello (Paulo Freire) . . . . .	488
105. Rádio e educação (Jorge Vasconcelos e Paulo Freire) . . . . .	493
106. Um dos fundadores da Teologia da Libertação (Leonardo Boff) . . . . .	497
107. O professor como artista (Ira Shor e Paulo Freire) . . . . .	509
108. Compreensão mágica da palavra escrita (Ezequiel Theodoro da Silva e Paulo Freire) . . . . .	510
109. Ferramentas que abrem novas veredas (Luiz Eduardo Wanderley) . . . . .	519
110. Uma obra histórica e profética (Pedro Pontual) . . . . .	522
111. Paulo Freire e os computadores (Werner E. Breede) . . . . .	530
112. Um símbolo da nossa liberdade (Guadalupe Ruiz Giménez) . . . . .	543
113. Na terra do padre Cícero (José Rodrigues de Souza) . . . . .	546
114. Novos caminhos para o pensamento (Rubem Alves) . . . . .	556
115. As leituras do jovem Paulo Freire (Ana Maria Araújo Freire) . . . . .	562
116. A abordagem centrada na pessoa e o oprimido (Carl Ransom Rogers) . . . . .	595
117. Paulo Freire e o feminismo (Ruth S. Meyers) . . . . .	598

118. Paulo Freire marxista? (Lígia Chiappini Moraes Leite e Paulo Freire) . . .	609
119. Paulo Freire e o teatro de Ariano Suassuna (Jarbas Maciel) . . . . .	619
120. Conceito de comunicação em Paulo Freire (Venício Artur de Lima) . . . .	621
121. A emoção nos escritos de Paulo Freire (Ann L. Sherman) . . . . .	630
122. O mais importante pedagogo do nosso século (Roger Garaudy) . . . . .	647
123. Paradoxos da educação em transição (Martin Carnoy) . . . . .	649
124. Paulo Freire e o CEDI (Diana Aronovich Cunha) . . . . .	667
125. Associação Paulo Freire . . . . .	670
126. Bibliotecas populares “Paulo Freire” (Francisco Genézio de Lima Mesquita) . .	671
127. Paulo Freire e o CEAAL (Francisco Vio Grossi) . . . . .	673
128. As velhas casas... Lembrando o CEDI (Rubem Alves) . . . . .	676
129. Centro de Documentação e Informação Paulo Freire . . . . .	677
130. Instituto Cajamar . . . . .	683
131. Projeto BB-Educar (Maria Stella Santos Graciani) . . . . .	687
132. Palo Verde . . . . .	688
133. Vereda – Centro de Estudos em Educação . . . . .	691
134. Fertilizador do inusitado (Carlos Rodrigues Brandão) . . . . .	706

## 4

### **Uma voz européia** **ARQUEOLOGIA DE UM PENSAMENTO**

Heinz-Peter Gerhardt

Paulo Freire nasceu na mais pobre área dessa grande nação latino-americana. Embora criado numa família de classe média, Freire interessou-se pela educação dos oprimidos de sua região. Formou-se em advocacia e desenvolveu um “sistema” de ensino para todos os níveis da educação. Foi encarcerado duas vezes em seu país e tornou-se famoso no exterior. Hoje, Paulo Freire é considerado como o mais conhecido educador de nosso tempo.

Há muitos anos venho estudando a vida e a obra de Paulo Freire, depois de haver pesquisado em detalhe, no Brasil, a experiência que ele realizou em Angicos, no início da década de 60.

Este perfil, em complemento aos textos de Ana Maria Freire, Moacir Gadotti e Carlos Alberto Torres, tenta esboçar na vida de Freire a arqueologia do seu pensamento.

#### **1. Primeiras influências recebidas**

Freire, seus irmãos e irmãs foram educados pela mãe na tradição católica. O pai sempre esteve em íntimo contacto com os círculos espirituais da cidade. Examinando a marcante posição do pai em família de classe média brasileira à época, Freire sempre destaca a disposição paterna para o diálogo com a família, ao mesmo tempo que criava os filhos com autoridade, embora também com compreensão. Foram essas circunstâncias familiares uma precoce introdução para uma certa perspectiva em comunicação?

Com a idade de 20 anos, começou a estudar Direito, mas seus estudos foram interrompidos várias vezes por razões de ordem econômico-financeira. Ele teve de ganhar seu sustento e contribuir para as finanças familiares muito cedo. Segundo a informação do próprio Paulo, nessa época, ele foi muito influenciado pelo jurista Rui Barbosa e pelas idéias do médico Carneiro Ribeiro. Ambos foram grandes intelectuais brasileiros que ultrapassaram o próprio âmbito de seus campos específicos de conhecimento.

Em 1944, Paulo casa-se com a professora primária Elza Maria de Oliveira. Em suas notas autobiográficas, ele destaca que ela o encorajava nas discussões sobre questões pedagógicas. A influência de Elza em seu trabalho escolar prático não pode ser subestimada.

### 34

#### ELZA MARIA COSTA DE OLIVEIRA

Conheci inicialmente Elza através do que Paulo me contava, e quando se referia a ela, fazia uma pausa ao falar e seus olhos tomavam a dimensão do amor; o que Paulo falava mostrava que Elza não era apenas a esposa, a mãe dos filhos, a amante, mas também, e com muita ênfase, a companheira de luta, a companheira comprometida com o trabalho libertador.

Quando vi Elza pela primeira vez, me deixou uma impressão da qual nunca me esqueci. Jantamos em sua casa, nessa humanamente fria Genebra; jantamos “feijoadada”, pela primeira vez em muitos anos voltava a sentir o saboroso cheiro do feijão, esse cheiro rapidamente levou-me de volta a meu país “México” e diria até que voltei a me situar em relação à minha identidade mexicana; ela servia os pratos com um sorriso envolvente criando um ambiente de alegria e amizade; essa difícil combinação de “calor humano”. Durante o jantar Elza falou do Paulo, do Brasil, da África, da luta necessária para libertar os seres humanos da condição de injustiça, falou da música e da comida. Elza realizou-se na vida e o fez dessa maneira feminina

Dezembro de 1944. Rua Padre Domino, casa nº 46 (casa Forte), Recife. Uma das fotos mais antigas de Paulo Freire e sua esposa, Elza Freire.

a qual se completava com aquela que conhecera a experiência de dominação e o estado permanente de luta e conflito para superá-la.

Muitas vezes isso se repetiu e sempre me dava a impressão de que era a primeira vez. Elza tinha essa grande qualidade de lembrar nitidamente o passado e nele ressaltar o novo; falar com ela deixava sempre a impressão de avançar.

Trabalhamos juntos na África, em São Tomé e Príncipe. Aí conheci a professora Elza; aquela que ensinava aos africanos de São Tomé, o caminho para descobrirem as palavras geradoras, os temas geradores a partir do universo vocabular; enquanto ela os ensinava eu também aprendia.

Com ela, também, discutíamos e analisávamos a política nacional, a economia do país, a beleza e a dor da África.

Uma vez em São Tomé falei com ela sobre a lentidão com que as coisas eram feitas e da minha vontade para que fossem mais rápidas, ela me respondeu: “Às vezes, por ir mais rápido não se faz história e aqui o que se procura fazer é história porque é só isso que fica, quando formos embora”.

Criticava nosso papel de assessores que na época desempenhávamos, no sentido de que tínhamos que ter sensibilidade, criatividade e criticidade, para realmente nos incorporarmos ao processo de luta desse povo, e não ficarmos apenas no âmbito técnico.

Elza sofria muito com as pernas por causa do calor, quase sempre que chegava a São Tomé suas pernas inchavam muito e não podia caminhar; não obstante nunca deixou de ir às aldeias do país e nunca deixou de sorrir apesar da dor que sentia, ela estava convencida da luta, do esforço que demanda a libertação de um ser humano e de um país.

Depois de São Tomé voltei a ver Elza em Genebra; os filhos estavam saindo de casa: Fátima na Polónia, Cristina em alguma parte da Suíça, Joaquim em Neuchâtel, Madalena sempre no Brasil. Só restava Lut. Elza vivia então, sempre aguardando a surpresa de uma chamada, de uma carta, de uma visita.

Sabendo realmente que as contradições e problemas dos filhos são os problemas da vida, contou-me do difícil parto de Fátima, do primeiro concerto de Joaquim, do trabalho de Madalena como professora, dos progressos de Lut, de Cristina. Elza foi sempre consistente quanto à liberdade dos filhos, a liberdade do amor.

Desde que conheci Elza, nunca a esqueci (**Arturo Ornelas**, São Paulo, 13 de maio de 1987).

Os contactos de Paulo com o movimento sindical ajudaram-no a ser convidado para chefiar, em 1954, o Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria, SESI. Sua renúncia ao cargo decorreu de críticas à sua atuação democrática e aberta e ao seu estilo livre de administração.

No ensino fundamental e escolas do SESI, Freire tentou envolver os estudantes e pais em discussões sobre problemas educacionais e sociais. Trabalhar com crianças, para ele, significava também a consideração de seus contextos familiares e sociais. Problemas como subnutrição e trabalho infantil só poderiam ser resolvidos com o envolvimento dos pais.

Nos chamados “Clubes dos Trabalhadores”, Freire e seus colegas tentaram encorajar a força de trabalho industrial a discutir seus problemas individuais. Os trabalhadores não deveriam deixar a responsabilidade pela solução de seus problemas a cargo da instituição SESI. Eles deveriam tentar superar, por si mesmos, dificuldades e obstáculos. O objetivo de tal trabalho

Paulo Freire e Arturo Ornelas, em Manágua — Cruzada Nacional de Alfabetização.

era o de integrar o trabalhador no processo histórico e estimulá-lo à organização individual de sua vida na comunidade.

Além de seu trabalho no SESI, Freire trabalhava em outros contextos, para ajudar no “despertar democrático” do Brasil. Influenciado pelo pensador católico Alceu de Amoroso Lima e pelo pedagogo da Nova Escola Anísio Teixeira, ele trabalhava em várias paróquias do Recife, principalmente católicas, em iniciativas populares. Neste sentido, podemos ver, por exemplo, o projeto que ele organizou com clérigos e leigos da paróquia da “Casa Amarela” em Recife. Neste projeto, sete unidades da paróquia, do jardim de infância à educação de adultos, trabalhavam juntas no desenvolvimento de currículo e na formação de professores. Os resultados desse trabalho seriam partilhados com outros grupos que deveriam ser encorajados a trabalharem juntos na organização (forma) e conteúdo. Técnicas como estudo em grupo, ação em grupo, mesas redondas, debates e distribuição de fichas temáticas eram praticadas nesse tipo de trabalho. Desse forma, seus colaboradores e ele próprio começaram a falar de um “sistema” de técnicas educacionais, o “Sistema Paulo Freire”, que podia ser aplicado em todos os graus da educação formal e da não-formal. Mais tarde, nas décadas de 70 e 80, no seu trabalho em alfabetização, um elemento do sistema foi interpretado sob a denominação de “Método Paulo Freire” e “conscientização” como um *passé-partout* para a revolução. Por esta razão ele parou de usar essas

expressões, enfatizando o caráter político da educação e sua necessária “reinvenção” em circunstâncias históricas diferentes.

## **2. A recusa do academicismo**

Os esforços de Paulo Freire para as reformas no campo educacional, suas atividades no SESI e no movimento leigo de sua igreja oportunizaram-lhe uma designação de tempo parcial para lecionar pedagogia na Universidade do Recife. Os segmentos universitários queriam trabalhar com um homem que tinha experiência e idéias transformadoras, de modo a que elas se tornassem conhecidas em outros lugares da universidade, como, por exemplo, na Escola de Belas Artes.

A vida política brasileira, nos anos 50 e início da década de 60, foi denominada a “emergência do povo” pelos defensores de um autêntico modelo de desenvolvimento para o país. Este grupo de intelectuais, dentre os quais se destacam Hélio Jaguaribe, Anísio Teixeira, Roland Corbisier e Álvaro Vieira Pinto, reunidos no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), no Rio de Janeiro, baseavam suas idéias em sociólogos e filósofos europeus como Karl Mannheim, Karl Jaspers, Gunnar Myrdal e Gabriel Marcel. Na universidade Freire tinha mais contacto com essa e outras tendências do pensamento brasileiro da época. Na sua participação no movimento católico leigo, ele também leu, cada vez mais, os autores da esquerda católica, como Jacques Maritain, Thomas Cardonnel, Emmanuel Mounier e seus radicais intérpretes brasileiros, Alceu de Amoroso Lima, Henrique Lima Vaz, Herbert José de Souza e outros.

A Juventude Universitária Católica (JUC) era uma das organizações mais radicais naquele período de comoção política e social. Os estudantes cobravam reformas fundamentais na universidade, na saúde, nos serviços públicos e na moradia. Diferentemente de tempos anteriores, em que os estudantes apenas propunham soluções, agora visitavam favelas para discutir os problemas com seus moradores e iniciavam campanhas para superar as miseráveis condições da vida cotidiana. Neste época, na universidade, Freire familiarizou-se mais e mais com as idéias do movimento católico radical, aprofundando seus estudos dos clássicos católicos, nacionais e estrangeiros, e sistematizando seu próprio modo de pensar e agir.

Nos ensaios escritos nessa época já podia se perceber o típico estilo da escrita freireana. À sua vasta tradição de trabalhos práticos ele confrontava as mais diversas teorias e autores, entrelaçando-os de um modo que se casassem com sua experiência, mas gerando controvérsias. Entretanto, ele nunca negou ser um eclético que seleciona partes das premissas de, por exemplo, Karl Jaspers e do velho Marx. Não estava interessado em aderir

ao Marxismo ou ao Existencialismo simplesmente porque encontrara ele pontos interessantes nos escritos destes dois autores.

Este ecletismo e, em minha opinião, exigências teóricas impostas a ele pela então cultura dominante na universidade, podem explicar a sua repulsa ao academicismo. Seu estilo criava confusão entre seus leitores. Sua influência é maior quando ele aparece pessoalmente nas conferências e cursos, atraindo um dedicado grupo de seguidores que desejam experimentar e dar continuidade ao espírito de seu trabalho. Dessa maneira, seu prestígio é similar ao de outros tantos grandes educadores do nosso século, como, por exemplo, Montessori, que “reinventaram” a educação nas suas diversas épocas históricas, como arte, como ciência e como política.

Em contraste com muitos colegas, Freire observava as atividades políticas estudantis dentro e fora da universidade como uma necessária e importante parte da transição brasileira para uma sociedade democrática. Ele considerava importante discutir os problemas nacionais na universidade. Em vez de restaurar a lei e a ordem por medidas disciplinares, Freire procurava soluções para os mais prementes problemas do país, isto é, “a educação do povo” junto com os estudantes.

Freire dedicou-se à sua concepção de educação, detalhadamente, na tese do concurso para a cadeira de História e Filosofia da Educação da Escola de Belas Artes de Pernambuco, em 1958. Uma outra professora concorrente venceu o concurso. Considerando a crítica de Freire ao estado subdesenvolvido da estrutura universitária, que não correspondia às expectativas da fase de “transição”, a decisão dos examinadores tinha uma certa lógica.

Entretanto, Freire teve oportunidade de dar continuidade a seu trabalho na universidade, convidado por João Alfredo Gonçalves da Costa Lima, que foi o primeiro vice-reitor e reitor da Universidade do Recife, desde 1962. Freire tornou-se assessor especial para relações estudantis e, mais tarde, em 1962, Diretor do Serviço de Extensão da Universidade.

Como no seu tempo de SESI, ele não trabalhou apenas com a estrutura de sua ocupação profissional para a promoção da transição brasileira. Quando, em 1960, sob a administração popular de Miguel Arraes, em Recife, começou o Movimento de Cultura Popular (MCP), Freire estava ao lado dos mais entusiastas defensores e fundadores do movimento.

Paulo Freire trabalhou no Departamento de Educação como coordenador dos projetos de educação de adultos. Entusiasticamente apoiou a iniciativa de fundação do MCP e celebrou o “movimento”, eufemisticamente, como uma “ação do povo”. Acontece, entretanto, que militantes católicos, protestantes e comunistas interpretavam suas tarefas educativas e organizacionais de modos diferentes. Uma cartilha de alfabetização de adultos provocou um conflito no Departamento de Freire, relativamente ao processo de instrução e conscientização.

Os autores da cartilha, entre eles Germano Coelho, escolheram uma diretriz política de abordagem com cinco palavras geradoras: povo, voto, vida, saúde e pão. Das sílabas desses vocábulos, eram formadas sentenças como “O voto pertence ao povo”, “Povo sem casa vive nos mocambos”, “No Nordeste só haverá paz quando as injustiças forem eliminadas em suas raízes”, “A paz surge sobre a base da justiça”. Esperava-se que elas inspirassem discussões políticas e formatassem sua estrutura e conteúdo.

Freire opôs-se, firmemente, ao ensino de mensagens prontas aos analfabetos. Mensagens prontas produziram sempre “efeitos domesticadores”, quer vindo da direita, quer vindo da esquerda. Ambos os lados demandariam aceitação acrítica de doutrinas e a manipulação teria início.

Em 1961, evitar manipulação para Freire significava duas coisas:

1.º As convicções e opiniões, isto é, o currículo deve originar-se diretamente do povo e deve ser elaborado por ele; e ainda

2.º as convicções e opiniões não devem contradizer a fase de transição, que, segundo as análises do ISEB e da esquerda católica, o Brasil estava experimentando à época.

Entretanto, Paulo Freire não conseguiu transmitir sua mensagem. Partes do MCP começaram a trabalhar numa perspectiva diretiva, baseando-se na doutrina marxista-leninista. Trinta anos mais tarde, Freire experimentaria um conflito similar. Em conseqüência, ele reduziu sua colaboração com o MCP e começou a elaborar suas próprias idéias com o auxílio do *staff* do serviço de extensão da universidade.

Estava convencido da capacidade inata das pessoas, pois ele já fizera experiências nos domínios visual e auditivo, enquanto elas aprendiam a ler e escrever. Em um de seus primeiros experimentos ele explicara a sua empregada doméstica, que era analfabeta, a imagem de um *slide*, que mostrava um menino e a palavra “menino”. Cobrindo cada sílaba da palavra e repetindo a palavra “menino”, Freire observou que Maria notava a falta de sílabas, “aprendendo”, então, que a palavra era composta de sílabas.

Contudo, ainda assim faltava o estímulo com que Freire poderia evocar o interesse pelas palavras e sílabas em pessoas analfabetas. Faltava a “consciência” dos termos individuais. No SESI e no MCP, entretanto, ele aprendera sobre o interesse de muitos trabalhadores em questões “políticas”, quando relacionavam suas necessidades diretas e dificuldades com o que era apresentado no que hoje denominamos “mídia” (filmes, *slides* etc.). Além disso, ele podia lembrar-se bem de seu próprio contacto com o mundo das palavras. Era necessário mostrar imagens referentes aos problemas populares e ler e escrever palavras que exprimiam esses problemas.

A experiência mostrou para ele que não era suficiente começar com uma discussão intensa da realidade. Analfabetos são fortemente influenciados

por suas falhas na escola e em outros ambientes de aprendizagem. A fim de reduzir esses obstáculos e provocar um impulso motivador, Freire experimentou verificar a distinção entre as habilidades de seres humanos e de animais em seus ambientes particulares. Esta distinção foi também demonstrada pela nova apreciação da arte popular (= cerâmica, tecelagem, escultura em madeira, música, teatro amador etc.) e originalmente comprovada e elaborada teoricamente pelo sociólogo alemão Max Scheler: o homem como criador de cultura.

Freire começou a experimentar essa nova concepção na alfabetização, no círculo cultural que ele mesmo coordenava como monitor e cujos membros conhecia pessoalmente. Em suas publicações, entrevistas e conferências, Freire só fala esporadicamente, citando falas de pessoas, sobre a primeira aplicação de seu método de alfabetização no “Centro de Cultura Dona Alegarinha”, um “círculo de cultura” do MCP para a discussão dos problemas cotidianos na comunidade de “Poço da Panela”, em Recife.

### **3. No princípio era o método**

Freire relata que na 21.<sup>a</sup> hora de alfabetização um participante era capaz de ler artigos simples de jornal e escrever sentenças curtas. Os *slides*, particularmente, criavam grande interesse e contribuía para a motivação dos participantes. Depois de 30 horas (uma por dia, cinco dias da semana) a experiência foi concluída. Três participantes tinham aprendido a ler e escrever. Podiam ler textos curtos e jornais e escrever cartas. Dois participantes se evadiram. Assim nasceu o “Método Paulo Freire de Alfabetização”.

Na sua aplicação na cidade de Diadema (SP), nos anos de 1983-86 e, parcialmente, na tão discutida estrutura do MOVA-SP na cidade de São Paulo (1989-92), durante a “administração Freire” na Secretaria Municipal de Educação, os vários passos do método permaneceram os mesmos, embora houvesse mudanças na ordem e no conteúdo, de acordo com a situação socioeconômica dos vários locais de alfabetização. Esses passos podem ser melhor sumariados do seguinte modo:

- a) observação participante dos educadores, “sintonizando-se” com o universo vocabular do povo;
- b) uma árdua busca das palavras geradoras e temas em dois níveis: riqueza silábica e elevada carga de envolvimento vivencial;
- c) uma primeira codificação dessas palavras em imagens visuais, que estimulam as pessoas “submersas” na cultura do silêncio, para que “emerjam” como criadores conscientes de sua própria cultura;
- d) introdução do “conceito antropológico de cultura”, com sua diferenciação entre homem e animal;

e) decodificação das palavras e temas geradores pelo “círculo de cultura”, sob o discreto estímulo de um coordenador, que não é o professor no sentido convencional da palavra, mas sim, um educador-educando em diálogo com educandos-educadores;

f) uma nova codificação criativa, explicitamente crítica e voltada para a ação, na qual os que eram formalmente analfabetos começam a rejeitar seu papel de meros “objetos” na história natural e social. Eles assumem tornar-se “sujeitos” de seus próprios destinos.

## 35

### MOVIMENTO DE CULTURA POPULAR

#### Consolidação do Método Paulo Freire

Com a criação do Movimento de Cultura Popular (MCP), Paulo Freire passou a ser um dos seus líderes mais atuantes. Dirigia a Divisão de Pesquisa, da qual eu era um dos Coordenadores responsáveis pela execução de projetos ou programas especiais, vinculados a um Departamento ou Divisão.

Mas, o verdadeiro papel de Paulo Freire no MCP consistiu na coordenação do *Projeto de Educação de Adultos*. Como ocorria na prática dos “Projetos” do MCP, o Projeto de Educação de Adultos desdobrava-se em outros programas ou projetos de menor amplitude, os Centro e Círculos de Cultura.

Lembro-me dos *Círculos de Cultura* com a emoção de quem pensa em sua Universidade de Utopia. Pelo menos em minhas fantasias, eram o que deve ser uma das dimensões acadêmicas fundamentais: uma instituição aberta ao debate. Idéias, problemas, inquietudes. Ciência e Filosofia. Arte. Criação. Vida. Para participar daqueles debates não se exigia “papel passado” em cartório. Todos poderiam fazê-lo. Analfabetos, por que não?

Ainda no MCP, e dentro do Projeto de Educação de Adultos, Paulo Freire daria importantes passos no sentido de consolidar o revolucionário método de alfabetização que receberia seu nome e, naqueles anos, encontrava-se em construção. Contudo, o “Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos” – na verdade, muito mais uma filosofia e um “sistema de educação” – foi igualmente experimentado no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, antes de se ampliar a outros locais (**Paulo Rosas, Como vejo Paulo Freire**, Recife, Secretaria de Educação, Cultura e Esporte, 1991, pp. 18-19. Paulo Rosas foi colega de Paulo Freire desde o início da sua carreira).

O “método” teve um irresistível sucesso em todo o Brasil. Era possível agora tornar os iletrados – eram cerca de 40 milhões nessa época – alfabetizados (como alfabetizados eles podiam votar) e conscientes dos problemas nacionais. Reformistas e revolucionários de esquerda investiram em Freire e equipe, que logo se encarregou de implementar o Plano Nacional de Alfabetização (1963). Dinheiro surgia de todas as fontes, e, dentre elas, destacavam-se o escritório regional da Aliança para o Progresso de Recife, os governos reformistas do Nordeste e o Governo Federal populista de João Goulart.

Conquanto já coordenador nacional da torrente alfabetizadora, com a rápida expansão do Movimento Popular de Educação em seu país, Freire estava atento às armadilhas que a implementação nacional, de sua e de outras concepções, poderia causar. A dificuldade expressou-se na campanha-piloto em Brasília, que claramente apontava para o dilema do mais famoso educador brasileiro, cuja “ação cultural para a liberdade” encontrava obstáculos para ser implementada no contexto do sistema educacional em vigor no país.

A derrubada do Governo Federal pelas forças militares brasileiras, em março de 1964, interrompeu a grande experiência. A segunda chance de Freire em um alto posto administrativo só ocorreria 25 anos depois e colocaria o mesmo dilema para si e seus colaboradores.

#### **4. Evolução de suas teses epistemológicas**

Encarcerado duas vezes, por causa de seu “método subversivo”, a embaixada da Bolívia foi a única que aceitou Paulo Freire como refugiado político. O governo boliviano contratou seus serviços de consultor educacional para o Ministério da Educação. Porém, vinte dias após sua chegada em La Paz, ele testemunhou um novo golpe de Estado contra a administração reformista de Paz Estensoro. Freire decidiu, então, buscar refúgio no Chile, onde, através da vitória de uma aliança populista, o democrata-cristão Eduardo Frei assumira o poder.

Freire permaneceu no Chile por quatro anos e meio, trabalhando no instituto governamental chamado ICIRA (Instituto de Pesquisa e Treinamento em Reforma Agrária) e no, também governamental, “Escritório Especial para a Educação de Adultos”, sob a coordenação de Waldemar Cortéz. Tornou-se professor na Universidade Católica de Santiago e trabalhou como consultor especial do escritório regional da UNESCO, sediado na capital chilena.

Em seu segundo país de exílio, Freire dedicou-se, principalmente, à educação de camponeses adultos. O processo de modernização capitalista da agricultura chilena trouxera novos equipamentos e conhecimentos para o campo, embora a estrutura agrária e de remuneração permanecesse a mesma. Por isso, Freire propôs um projeto educacional que explicitasse a contradição e promovesse discussões para sua superação. Freire entendia que as reformas sob a orientação do rótulo norte-americano “Aliança para o Progresso” não passavam de uma cortina de fumaça para uma sutil, moderna e técnico-científica dominação do Sul pelo Norte. A tecnologia exportada para a América do Sul sob o *slogan* de “assistência técnica” era usada como um instrumento de manutenção da dominação política e econômica. Isso explica a ênfase dada por Freire ao seu conceito de “invasão cultural” na primeira publicação que fez depois de deixar o Brasil.

Nesse período, Freire analisou a questão da “extensão rural”. O resultado foi o livro *Extensão ou comunicação*, com primeira edição pelo ICIRA, na Espanha, em 1969, sobre a estrutura da comunicação entre técnicos e camponeses no desenvolvimento da sociedade agrária. Ele opôs o conceito de extensão da cultura ao de comunicação sobre cultura. Para ele, o primeiro é “invasor”, enquanto o segundo promove a conscientização. Destacava que a interação entre os camponeses e os agrônomos deveria promover a comunicação dialógica. Não se pode aprender, se o novo conhecimento é contraditório com o contexto do aprendiz. O educador-agrônomo que não conhece o mundo do camponês não pode pretender sua mudança de atitude. A intenção incipiente era enfatizar os princípios e fundamentos de uma educação que promove a prática da liberdade. Esta prática não pode ser reduzida a um simples suporte técnico, mas inclui o esforço humano para decifrar-se e decifrar os outros.

Em 1967, Freire foi, pela primeira vez, aos Estados Unidos como conferencista de seminários promovidos nas universidades de vários Estados. Foi o período em que seu primeiro, e até então único livro, publicado em 1968, no Chile, *Educação como prática da liberdade*, foi bem recebido nos círculos intelectuais de Santiago, Buenos Aires, México e Nova York. Em 1969 ele recebeu o convite para lecionar por dois anos na Universidade de Harvard, em Massachusets. Oito dias depois recebeu o convite do Conselho Mundial das Igrejas de Genebra (Suíça), uma organização que, nessa época, desempenhava um importante papel no processo de libertação dos novos países africanos, para se tornar seu consultor permanente.

Paulo Freire estava ansioso para “experimentar” a cultura norte-americana, para descobrir o Terceiro Mundo (guetos, favelas) no Primeiro Mundo. Entretanto, ele lamentaria a perda de contacto com qualquer tipo de experiência pedagógica nos países em desenvolvimento. Considerava insatisfatório deixar a América do Sul e só estudar em bibliotecas. Desse modo, sugeriu que ficaria em Harvard apenas por seis meses.

Em Harvard, trabalhou como professor no Centro de Estudos para o Desenvolvimento e a Transformação Social. Lá, ele deu a forma definitiva a seu livro *Ação cultural para a liberdade* (1970), no qual contrasta, rigorosamente, sua idéia de ação cultural com o imperialismo cultural, um tema que poderia estudar concretamente nos Estados Unidos. Meio ano após, tornou-se consultor do recém-instalado “Escritório para Questões Educacionais” do Conselho Mundial de Igrejas e passou a prestar serviços, por exemplo, como conselheiro educacional, a governos do Terceiro Mundo.

Somente após 1970 a teoria e a prática pedagógicas de Paulo Freire tornaram-se reconhecidas no mundo. No exílio Paulo escreveu seus mais famosos livros: *Educação como prática da liberdade* e *Pedagogia do oprimido*. O primeiro é uma compilação de idéias publicadas previamente em vários artigos e em sua tese de doutorado (1959). Ele antecipa uma proposta pedagógica para o Brasil, na transição de uma sociedade colonial

agrária para uma sociedade industrializada e independente. Os três principais problemas dessa fase – industrialização, urbanização e analfabetismo das massas rurais e urbanas – têm de ser ultrapassados com a construção de uma nova sociedade. Democracia tem de ser aprendida através de sua prática.

Dez anos mais tarde, na *Pedagogia do oprimido* – manuscrito português de 1968, publicado primeiramente em inglês e espanhol em 1970 –, ele advogava uma pedagogia revolucionária, que tinha por objetivos a ação consciente e criativa e a reflexão das massas oprimidas sobre sua libertação.

Para o Freire da *Educação como prática da liberdade*, ciência e educação aparecem como relativamente neutras, enquanto no Freire da *Pedagogia do oprimido* elas se tornam armas táticas na luta de classes. De uma ênfase na relação e confronto natureza-cultura, o ser-humano-animal a meta educativa sendo a libertação cultural do homem como meio de libertação social Freire desloca o foco para a libertação em relação aos mecanismos opressores e servidores das classes dominantes na estrutura social. Os objetivos da educação constituem, a partir daí, a facilitação de uma transformação radical da estrutura social.

Há muitas teses epistemológicas na primeira fase brasileira de Freire, até 1964, principalmente em conexão com o conceito de transitividade crítica: 1ª) o desenvolvimento e exercício da consciência crítica é produto de um “trabalho educativo crítico”; 2ª) a tarefa da educação, como instrumento do processo de desenvolvimento da consciência, depende de duas atitudes e atividades básicas: crítica e diálogo; 3ª) a consciência crítica é típica de sociedades com uma verdadeira estrutura democrática. Estas teses dependem da assunção segundo a qual a “razão humana” é completamente capaz de descobrir a “verdade”. Com essa aceção ele teve sucesso no desenvolvimento de sua própria perspectiva de alfabetização.

As ênfases de Freire no exílio recaíram mais sobre o motivo hegeliano do opressor incorporado do que na mera “cultura do silêncio”, mais nas estruturas socioeconômicas capitalistas do que no ideal de liberdade nos termos das democracias ocidentais. Ele também esclareceu o caráter político da ciência e da educação.

No Brasil, antes de 1964, Freire estava ciente das dificuldades e custos políticos envolvidos em seu programa pedagógico. Entretanto, seus postulados epistemológicos conduziram-no a interpretar tais resistências como algo acidental e destinado a ser removido por meio de oposição tática a uma dada ditadura e seus respectivos interesses. Com a adoção explícita de uma perspectiva política nova, seus postulados teóricos relativos à ideologia e ao conhecimento mudaram. Do “tático”, Freire deslocou-se para o “estratégico”. O “processo de conscientização” tornou-se sinônimo de luta de classes. Integração cultural mudou para revolução política. Isso está, de novo, refletido no conceito de transitividade crítica de Freire: nos primeiros escritos, ele tinha muito em comum com a noção de atitude científica (Dewey). Mais tarde, a consciência crítica transitiva torna-se consciência revolucionária.

### A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DO EXÍLIO

Numa conversa com **Frei Betto**, extraída do livro *Essa escola chamada vida* (pp. 56-8), **Paulo Freire** refere-se ao grande aprendizado no qual se constituiu seu exílio:

Para mim, o exílio foi profundamente pedagógico. Quando, exilado, tomei distância do Brasil, comecei a compreender-me e a compreendê-lo melhor.

Foi exatamente ficando longe dele, preocupado com ele, que me perguntei sobre ele. E, ao me perguntar sobre ele, me perguntei sobre o que fizeram com outros brasileiros, milhares de brasileiros da geração jovem e da minha geração. Foi tomando distância do que fiz, ao assumir o contexto provisório, que pude melhor compreender o que fiz e pude melhor me preparar para continuar fazendo algo fora do meu contexto e também me preparar para uma eventual volta ao Brasil.

Isso significa, então, Ricardo, que, além da relação afetiva – quase amorosa –, você tem como exilado que procurar uma inserção política, fazendo algo em que você acredite, fazendo algo através de que você se sinta oferecendo uma contribuição, por mínima que seja, a algum outro povo.

No momento em que você começa a negar-se o direito de estar fazendo, a qualquer momento, juízos de valor, você começa a aprender a viver uma virtude que acho politicamente tão fundamental a este País: a virtude da tolerância. Tolerância que nos ensina, superando os preconceitos, a conviver com o diferente para, no fundo, brigar melhor com o antagonico. É isso a tolerância. A tolerância que comecei a aprender muito bem, no momento em que descobri que, como as culturas são diferentes, não posso simplesmente dizer que esta é pior do que aquela, se bem que possa e deva reconhecer nas culturas suas negativas, que podem e devem ser superadas...

Este sentido do respeito às expressões culturais diferentes, esta compreensão da necessidade da superação das negativas da cultura – para o que havia despertado desde as primeiras experiências que vivera em anos de minha juventude no Brasil – foram reforçados nos tempos do exílio. Foram enriquecidos pelas observações feitas em viagens de trabalho a diferentes áreas do mundo, mas, sobretudo, a partir de minhas atividades na África, a que juntaria algo fundamental – a leitura, diria melhor, o estudo sério da obra de Amílcar Cabral. Vocês podem assim imaginar o que terá significado para mim ter sido convidado por governos de Estado africanos recém-libertados do jugo colonial, no sentido de juntar a seus esforços pela reconstrução de seus países a minha experiência de educador, jamais dicotomizada de meu compromisso com a causa da libertação dos oprimidos. O que terão significado para mim convites assim, que expressavam concretamente a confiança que lideranças revolucionárias depositavam em mim! Na verdade, jamais essas lideranças – a da Guiné-Bissau, a de Angola, a de Cabo Verde, a de São Tomé e Príncipe, a de Granada, a de Nicarágua, para falar só nessas – me convidaram como se estivessem chamando um puro técnico. Convidavam o educador militante. Nunca, porém, essa confiança depositada em mim virou razão de vaidade. Razão de alegria mansa, bem-comportada, sim.

Por outro lado, a minha convivência com homens e mulheres que haviam exposto suas vidas na luta, que haviam perdido companheiras e companheiros tombados junto a eles mas que falavam sem arrogância de sua prática, da prática de seu povo, com respeito a ele, sem dar a impressão de proprietários da verdade –, tudo isso, que se acrescentava ao que já aprendera no trato humilde do contexto de empréstimo relativizando o sofrimento do exílio, me preparava também para, na volta, dizer o que disse: vim para reaprender o Brasil, e não para ensinar os que aqui ficaram como “exilados internos”.

O deslocamento das teses epistemológicas reflete-se também na mudança das fontes inspiradoras e bibliográficas da *Educação como prática da liberdade* (Scheler, Ortega y Gasset, Mannheim, Wright Mills, Whitehead etc.) para a *Pedagogia do oprimido* (Marx, Lenin, Mao, Marcuse etc.) o que não significa que as primeiras tenham se tornado irrelevantes. Essa mudança tem significativas implicações em relação ao entendimento e ramificação de determinados conceitos-chave: o conceito de transformação em *Educação como prática da liberdade* significa participação e integração no sistema democrático, isto é, uma espécie de concepção liberal. Na *Pedagogia do oprimido* e ensaios subseqüentes, transformação inclui a possibilidade de subversão e revolução, isto é, uma opção e uma prática política “radical”. Com a *Pedagogia do oprimido*, os três mais importantes temas encontram-se no centro da concepção freireana: conscientização, revolução e o diálogo e a cooperação entre a liderança e as massas, para manter o espírito da revolução.

Paralelamente a essa mudança do pensamento de Freire, em direção ao radicalismo revolucionário, um outro deslocamento também teve lugar em relação ao significado e implicações de um verdadeiro conceito de conscientização. A prática educativa se tornou uma *práxis* mais revolucionária e uma maior ênfase foi colocada no tema do compromisso para e com o oprimido. Na sua carta de aceitação do convite do Conselho Mundial das Igrejas, Freire, coerente com o novo pensamento, estabelece enfaticamente: “Vocês devem saber que tomei uma decisão. Meu problema é o problema dos esfarrapados da Terra. Vocês precisam saber que optei pela revolução”.

Em Genebra, um grupo de exilados brasileiros, entre eles Paulo Freire, criou o IDAC, Instituto de Ação Cultural. Este Instituto tinha por finalidade oferecer serviços educativos, especialmente aos países do Terceiro Mundo que lutavam por sua independência. Esta luta deveria ser baseada no processo de conscientização como um fator revolucionário tendencial no interior dos sistemas educacionais. Freire foi eleito Presidente do IDAC.

Nos anos seguintes, o IDAC alcançou um tal nível de popularidade, com pedidos de colaboração crescendo com tal freqüência, que ele quase se tornou um instituto para organizar seminários e oficinas de disseminação da idéia de “conscientização” por todo o mundo. Freire não estava satisfeito sobre sua transformação gradual em “guru” de uma comunidade intelectual de seguidores, que viam em seu trabalho o novo evangelismo da libertação e não tentavam reinventar suas idéias na prática. Nessa época, Paulo Freire chegou até mesmo a parar de usar o termo “conscientização”, porque não queria contribuir para a equivocada concepção de que seria suficiente interpretar o mundo criticamente e não transformar, concomitantemente, as estruturas sociais, interpretadas por ele como opressoras.

Freire ficou muito contente quando, em 1975, ele e a equipe do IDAC receberam o convite de Mário Cabral, Ministro da Educação de Guiné-Bissau, para colaborarem no desenvolvimento do programa nacional de alfabetização

daquele país. Como resultado desse trabalho, ocorreu uma grande aprendizagem do grupo do IDAC, dos professores, dos alfabetizandos e dos administradores desse pequenino país africano. As deficiências dos recursos materiais, o baixo desempenho de determinados professores, a permanência e interveniência da velha ideologia no processo de desenvolvimento do país, tudo era bem registrado, estudado e examinado. A África deu a Paulo Freire e a seus colaboradores o campo prático para experiências pelas quais eles tinham esperado tanto.

Em seu exílio Freire experimentou completamente a dialética entre paciência e impaciência. É necessário ser paciente, impacientemente, disse ele uma vez; e é necessário ser impaciente, pacientemente. Um banido que não é capaz de aprender esta lição pode ser considerado realmente perdido. Se se quebra essa relação, se se tende a ser apenas paciente, esta característica é transformada em “anestésico”, que conduz a sonhos impossíveis. Se, de outro lado, se tende para ser apenas impaciente, há o risco de se cair no ativismo, no voluntarismo e no desastre. O único caminho é o que conduza à “harmonia contraditória”, como escreveu seu biógrafo brasileiro, Moacir Gadotti.

1º Seminário Nacional de Alfabetização, Monte Mário, República Democrática de São Tomé e Príncipe, 1976.

Entre 1975 e 1980, Freire trabalhou também em São Tomé e Príncipe, Moçambique, Angola e Nicarágua, sempre como um militante, e não apenas

como um técnico, que combinava seu compromisso com a causa da libertação com o amor para com os oprimidos. O Estado africano de São Tomé e Príncipe, recém-libertado da colonização portuguesa, confia a Paulo um programa de alfabetização. Os resultados deste programa superaram as expectativas. Quatro anos depois Freire recebe uma correspondência do Ministro da Educação informando que tanto 55% dos estudantes matriculados nas escolas não eram mais analfabetos, quanto 72% já tinham concluído o curso. Os resultados eram praticamente os mesmos alcançados no pequeno círculo de cultura de “Poço de Panela”, mencionado anteriormente.

### 37

#### FALA CLANDESTINA

Em 1978 Paulo Freire ainda estava impedido de retornar ao Brasil. Ele havia sido convidado para abrir um Seminário, mas lhe negaram o passaporte para regressar. Contudo por uma artimanha montada por seu amigo **Moacir Gadotti**, que há um ano havia retornado de Genebra, Paulo Freire pôde fazer, clandestinamente (por telefone), a abertura do *I Seminário de Educação Brasileira*, realizado em novembro daquele ano em Campinas. Era a primeira vez que os educadores se reuniam livremente depois do início da ditadura militar (1964). Eis as palavras emocionadas de Paulo Freire, transcritas de uma fita gravada na época:

“Eu gostaria de dizer aos companheiros, aos amigos que estão aí, agora, no Seminário de Educação Brasileira, da minha emoção imensa, fantástica, que me toma, de estar falando aos professores brasileiros, aos educadores brasileiros, do apartamento em que vivo, aqui em Genebra, cercado de meus filhos e de quatro grandes amigos brasileiros que, por coincidência, encontram-se entre nós.

É uma alegria enorme me servir da possibilidade que a tecnologia me coloca à disposição, hoje, de gravar, de tão longe de vocês, essa palavra que não pode ser outra senão uma palavra afetiva, uma palavra de amor, uma palavra de carinho, uma palavra de confiança, de esperança e de saudades também, saudade imensa, grandona, saudades do Brasil, desse Brasil gostoso, desse Brasil de nós todos, desse Brasil cheiroso, distante do qual estamos há catorze anos, mas, distante do qual nunca estivemos também.

Evidentemente, no momento, quando o professor Gadotti, meu querido amigo, com quem convivi aqui em Genebra, me pede que eu diga alguma coisa, é claro que vocês não podem esperar de mim uma reflexão pedagógica, política, epistemológica. Seria falso. Seria inviável para mim agora pensar criticamente, refletir sobre a pedagogia brasileira, sobre os desafios que nós temos.

Eu confesso que não poderia fazer isso. Mas também não pude negar ao professor Gadotti de mandar esse recado por telefone e lamentar não poder estar aí com vocês nesse momento em que se realiza o Seminário de Educação Brasileira. Eu só não estou aí porque, afinal de contas, eu não tenho um passaporte. Faz catorze anos que eu peço esse passaporte e esse passaporte não me foi dado. Nem o “ficaporte”, quer dizer, esse extravagante passaporte dentro do qual se escreve que ele é válido só para a cidade onde a pessoa mora, como o “ficaporte” que deram para minha mulher. Nem esse eu tenho. É por isso que eu não estou aí, mas espero que um dia eu tenha o “passa-porte” e aí eu voltarei ao Brasil para abraçá-los e para dizer mais uma vez o quanto brasileiro eu sou, o quanto brasileiro tenho continuado a ser apesar da distância em que estamos no tempo e no espaço.

Meu grande abraço para vocês e que o Seminário seja um êxito, um êxito para todos nós, para o povo brasileiro e para o futuro da educação nacional”.

## 5. Um pensamento praxiológico

Em agosto de 1979, Freire visitou o Brasil durante um mês. Após essa visita, retornou a Genebra, para discutir com sua família, com o IDAC e com o Conselho Mundial de Igrejas seu retorno definitivo ao Brasil. Este ocorreu em março de 1980.

Freire chegou ao Brasil quando o Movimento de Educação Popular, que ele ajudou a implantar nos anos 60, estava tendo seu segundo momento de influência. Era uma época de crise econômica, com o conseqüente desejo dos comandos militares, diante da impopularidade do regime e das forças armadas, em abandonar o governo. Paulo teve de “reaprender” seu país. Desdobriu logo que os mesmos atores sociais dos idos da década de 60 ainda tinham influência política.

A classe trabalhadora brasileira, que durante a ditadura militar (1964-1984) tinha suportado o maior ônus do “Milagre Brasileiro” e que ainda sofria a “Crise da Dívida Brasileira”, parecia estar mais organizada e trabalhava nos seus próprios projetos políticos. Dentre eles, destacava-se a fundação de um novo partido político, o “Partido dos Trabalhadores” (PT), do qual Paulo Freire se tornou membro-fundador em 1980.

Moacir Gadotti, representando Paulo Freire na assinatura do livro de fundação do PT  
(Colégio Sion, 10 de fevereiro de 1980).

A classe média – esmagada por consideráveis perdas na renda – mais uma vez radicalizava, juntando forças com a classe trabalhadora, tornando-se a mais ativa na proposição da redemocratização do país (1978-1984).

A burguesia nacional, em sua maioria, havia colaborado com os governos militares, uma colaboração que começara antes de 1964, frente ao vigor do avanço do movimento popular. Ela tentava jogar um importante e mais independente papel na economia e na política, ainda que sempre com um olhar temeroso em direção a seus parceiros internacionais, especialmente os Estados Unidos. Como nos anos 50 e inícios da década seguinte, a burguesia nacional não participa dos empreendimentos educacionais. Seu apoio consiste, principalmente, no patrocínio político e financeiro.

Hoje, todos os três estratos sociais contribuem, cada um a seu modo, para o movimento de Educação Popular do Brasil, moldando de novo sua forma e suas finalidades.

Freire foi convidado pela Universidade Católica de São Paulo e pela Universidade de Campinas para se tornar professor em seus respectivos departamentos de educação. Suas atividades acadêmicas logo se desenvolveram

1982. Com membros da Fundação Wilson Pinheiro (FWP) do Partido dos Trabalhadores. Fundada em 1981 pelo PT, a FWP teve Paulo Freire como o seu primeiro diretor-presidente. O nome desta Fundação se deve à homenagem prestada ao presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília, Estado do Acre, Wilson de Souza Pinheiro, assassinado em frente à sede do sindicato, no dia 21 de julho de 1980.

paralelamente às políticas, como, por exemplo, a de Presidente da Fundação Wilson Pinheiro, do Partido dos Trabalhadores. Associou-se também a uma pequena organização de dedicados educadores, na linha dos primeiros tempos do IDAC, chamada VEREDA. Através dessas instituições e organizações Freire conseguiu, de novo, estabelecer o vínculo entre trabalho teórico e prático que sempre defendeu em suas obras. As Comunidades Eclesiais de Base, o movimento feminista e as associações ecológicas, referenciadas nas análises freireanas, são hoje as pedras angulares da atual fase de transição do Brasil. Embora Freire logo viesse a assumir responsabilidade política no programa do Partido dos Trabalhadores e já tivesse sido consultor de secretarias de educação em numerosas cidades, ele mantinha seu ceticismo sobre as tendências sectárias das estruturas partidárias, à direita e à esquerda. Os partidos políticos pareciam não ser capazes de colaborar intimamente com os mencionados movimentos sociais de vanguarda, no ataque aos impactos do desemprego, falta de moradias, infra-estrutura limitada de saúde e educação. Ele advogou novamente uma “educação como prática da liberdade”, com educadores e políticos que diziam “sim” ao risco e à aventura, que diziam “sim” ao futuro e ao presente e que lidavam criticamente com o presente.

Nas eleições municipais de 1988 o Partido dos Trabalhadores ganhou a maioria dos votos na cidade de São Paulo. A nova Prefeita, Luiza Erundina de Sousa, nomeou Paulo Freire Secretário Municipal de Educação, em 1º de janeiro de 1989. Paulo renunciou dois anos mais tarde, em 27 de maio de 1991, para reassumir atividades acadêmicas, lecionar e escrever. Na eleição seguinte, em novembro de 1992, o PT perdeu as eleições municipais em São Paulo. Um antigo “prefeito-biônico” da época dos militares ganhou, em eleições livres, a maioria dos votos da população, que consiste, predominantemente, de trabalhadores, um quarto dos quais desempregados e setores da classe média.

Diferentes ideologias no interior do PT dificultaram o trabalho de relacionamento entre os setores públicos e os movimentos sociais. E a insolúvel relação entre uma superestrutura cristalizada, a reforma educacional e a necessária “reinvenção do poder” foram os problemas com os quais tinham de lidar. Outros educadores progressistas terão de continuar de onde Freire e sua equipe pararam em São Paulo.

Paulo Freire idealizou e testou tanto um sistema educacional quanto uma filosofia de educação, primariamente nos vários anos de seu ativo envolvimento na América Latina. Seu trabalho foi posteriormente desenvolvido nos Estados Unidos, Suíça, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Nicarágua e em vários outros países do Terceiro e do Primeiro Mundo. A concepção educacional freireana centra-se no potencial humano para a criatividade e a liberdade no interior de estruturas político-econômico-culturais opressoras. Ela aponta para a descoberta e a implementação de alternativas libertadoras na interação e transformação sociais, via processo de “conscientização”.

1º de janeiro de 1989. Paulo Freire toma posse como  
Secretário Municipal de Educação de São Paulo.

“Conscientização” foi definida como o processo no qual as pessoas atingem uma profunda compreensão, tanto da realidade sociocultural que conforma suas vidas, quanto de sua capacidade para transformá-la. Ela envolve entendimento *praxiológico*, isto é, a compreensão da relação dialética entre ação e reflexão. Freire propõe uma abordagem *praxiológica* para a educação, no sentido de uma ação criticamente reflexiva e de uma reflexão crítica que seja baseada na prática.

O sistema educacional e a filosofia da educação de Freire tem suas referências numa miríade de correntes filosóficas, tais como Fenomenologia,

Existencialismo, Personalismo Cristão, Marxismo Humanista e Hegelianismo, cujo detalhado enfoque ultrapassaria os limites deste perfil. Ele participou da importação de doutrinas e idéias européias para o Brasil, assimilando-os às necessidades de uma situação socioeconômica específica e, dessa forma, expandindo-as e refocalizando-as num modo de pensar provocativo, mesmo para os pensadores e intelectuais europeus e norte-americanos.

Para decepção de muitos intelectuais acadêmicos tradicionais do Primeiro Mundo, sua filosofia e “sistema” tornaram-se tão correntes e universais que os “temas geradores” permaneceram no centro dos debates educacionais da pedagogia crítica nas últimas três décadas.

Porque Freire trabalhou e escreveu sobre culturas educacionais específicas, há um sentido para ele ter desenvolvido somente aquelas partes de sua teoria que são relevantes para a situação social na qual ele trabalhava; conseqüentemente, há “apenas” uma síntese de perspectivas que se relaciona com aquelas áreas que interessam, do que uma integral sociologia ou filosofia da educação. O que ele escreveu está mais relacionado com sua convicção, do que preocupado com a argumentação das fronteiras da mais tradicional estrutura acadêmica.

Seu destino individual – prisão e exílio – certamente contribuiu para o ar de mistério que cerca seu trabalho. Ainda que ele não possua uma estrutura teórica academicista, nem tenha sido formulado para ser avaliado e aceito pelos cânones acadêmicos, a obra de Freire é, repetimos, única e uma das mais importantes do século. Além disso, o próprio Paulo Freire é, verdadeiramente, uma personalidade carismática, com um talento pessoal único para compreender, lidar e interpretar situações e processos educacionais. Esta perspectiva de análise educacional é por ele exercitada desde seu retorno do exílio, através de uma miríade de entrevistas, publicadas em vários jornais e livros.

Um delineamento sistemático de sua teoria, por ele mesmo, foi exposto em 1993 com a publicação do seu livro *Pedagogia da esperança*. A questão se o trabalho educacional radical pode ter lugar nas instituições estatais ou nos projetos do poder público também foi retomada na prática e na teoria, sobretudo nos últimos anos pelo trabalho sistemático do Instituto Paulo Freire, cuja criação foi sugerida por ele mesmo. O “Projeto da Escola Cidadã”, carro-chefe do Instituto, defende a escola estatal quanto ao financiamento, embora coloque a gestão comunitária como um dos eixos importantes para a consecução da “escola pública popular”. Num país de dimensões como as do Brasil e com tantos problemas de educação básica, os membros do Instituto Paulo Freire estão convencidos de que sem o concurso do Poder Público é impossível chegar a bom termo.

Freire experimentou várias expressões da opressão. Ele as usou para formular sua crítica e análise institucional dos modos pelos quais as ideologias dominantes e opressivas estão encravadas nas regras, nos procedimentos e tradições das instituições e sistemas. Fazendo isso, ele permanecerá o utópico que é, mantendo sua fé na capacidade do povo em dizer sua palavra e, dessa forma, recriar o mundo social, estabelecendo uma sociedade mais justa.